

A ADAPTAÇÃO DE BEBÊS NA CRECHE: UMA ANÁLISE SOBRE A PERSPECTIVA DE PROFESSORES ¹

Juliana da Silva CHAVES²

Licenciada em Pedagogia
Faculdade Anísio Teixeira (FAT)

Selma Barros Daltro de CASTRO³

Doutora em Educação/UFBA
Docente/Faculdade Anísio Teixeira (FAT)/Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Rosana Fernandes FALCÃO⁴

Mestra em Educação/UEFS
Docente/ Faculdade Anísio Teixeira (FAT)

RESUMO

O berçário se configura como importante espaço para o desenvolvimento da criança em todas as suas dimensões. A pesquisa aqui apresentada objetivou analisar a percepção dos professores sobre a fase da adaptação e identificar as práticas docentes realizadas com a finalidade de garantir a adaptação de bebês em creches. Os sujeitos da pesquisa, duas professoras de diferentes instituições privadas do município de Feira de Santana, participaram de uma entrevista semiestruturada e revelaram que a adaptação de bebês acontece com mais facilidade quando há práticas pedagógicas planejadas que respeitem o ritmo e a necessidade de cada sujeito. O planejamento deve ser flexível e valorizar propostas de exploração dos ambientes, manejo de diferentes materiais e atividades lúdicas. A flexibilidade do horário nos primeiros dias e a presença da família assumem papel de destaque no processo de adaptação do bebê.

Palavras-chave: Berçário; Prática Docente; Adaptação.

Introdução

Atualmente tem se tornado cada vez mais comum a busca de famílias pela inserção de bebês em espaços educativos como as creches. Isto se deve a inúmeros fatores de ordem socioeconômica da sociedade atual, dentre os quais se destacam a falta

¹ Artigo resultante de Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora Profa. Dra. Selma Barros Daltro de Castro e Coorientadora Profa. Rosana Fernandes Falcão.

² Endereço eletrônico: july_chaves@hotmail.com

³ Endereço eletrônico: selmadaltro@gmail.com

⁴ Endereço eletrônico: rosanafalcao2@hotmail.com

de rede de apoio familiar e de políticas de assistência para a família, além do desenvolvimento de pesquisas que evidenciem as vantagens da inserção de crianças pequenas em espaços escolares.

Essas novas demandas têm feito com que pais busquem espaços especializados que garantam a primeira etapa da educação formal, cuja função principal é educar e cuidar. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (BRASIL, 1996), a creche é a instituição responsável pela educação de crianças menores de três anos, e ela passa a ser concebida não apenas como lugar que oferece cuidados, mas como um espaço que compreende a criança em todas as suas dimensões (social, afetiva, cognitiva e motora). Nesse contexto, a creche vem se configurando como um importante espaço de educação coletiva no mundo contemporâneo, não sendo possível ignorar sua relevância, visto que, anteriormente, a família era a única responsável por cuidar e inserir seus filhos no universo da cultura. Com as mudanças nas configurações familiares decorrentes dos fatores socioeconômicos citados anteriormente, a creche vem cada vez mais partilhando com a família essa tarefa:

No Brasil, a creche foi introduzida para cuidar das crianças das mulheres que trabalhavam fora e foi regulamentada em 1972 pelo governo brasileiro, que decretou a obrigatoriedade do funcionamento de creches ligadas a empresas privadas e/ou públicas. Sofreu influência direta do pensamento médico e, mais tarde, do assistencialista, sendo que as condições de funcionamento implicavam na garantia da saúde das crianças. No fim da década de 80 e década de 90, o atendimento à criança de 0 a 6 anos passou a ser garantido por lei, distinguindo-se a educação infantil, agora parte do sistema de ensino, dos cuidados de saúde e assistenciais, oferecidos pelo SUS (DE VITTA; EMMEL, 2004, p. 178).

Desse modo, as crianças ingressam nessas instituições cada vez mais cedo; muitas delas se iniciam nesse contexto a partir dos quatro meses de vida e permanecem ali por tempo integral, retornando para o convívio com sua família somente ao final do dia.

Bressani, Bosa e Lopes (2007), baseando-se nos estudos de Rossetti-Ferreira (2002), trazem a associação entre cuidar e educar nas instituições educacionais brasileiras. A esse respeito, as autoras compreendem que aqueles que cuidam intercedem em nossa relação com o mundo. Dado que as famílias, quando matriculam seus filhos na escola de educação infantil, buscam compartilhar com os educadores o

cuidado e a educação das crianças e esperam que elas sejam compreendidas em sua individualidade (que engloba as mais diversas necessidades), a autora sugere que a indissociabilidade entre o cuidado e a educação precisa permear e nortear toda prática pedagógica. Logo, a relação pedagógica passa a envolver o cuidar e o educar na mesma medida, e isto se reflete no modo de atenção direcionado às crianças.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) discute a concepção que vincula o educar ao cuidar na Educação Infantil

[...] entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BRASIL, 2016).

No trabalho com crianças de berçário, é crucial que os educadores e profissionais de educação percebam que tudo pode ser motivo para ensinar e aprender, inclusive os momentos de banho, alimentação, recreação, sono, os quais configuram grandes possibilidades de aprendizagem para os bebês. Com base nas descobertas da neurociência, essa fase do desenvolvimento da criança foi denominada “janela neural” (momento ideal em que o cérebro humano está mais propenso a ampliar suas redes de comunicação), que são fundamentais, segundo estudiosos, para o desenvolvimento motor, cognitivo, social e afetivo dos bebês (CONSIGLIO; MOREIRA, 2012).

Esse momento inicial do desenvolvimento infantil é muito importante para a criança, sendo necessário um trabalho pedagógico que desenvolva práticas de estimulação psicomotora e psicológica que são de extrema importância nessa fase do descobrimento do mundo e do próprio “eu”. Além disso, são necessárias atividades através das quais a criança possa conquistar, aos poucos, autoconfiança e crescimento pessoal.

É partindo dessa demanda social – o ingresso cada vez mais precoce dos bebês em creches – que esta pesquisa tem como mote de investigação a seguinte pergunta:

“como se dá o processo de adaptação dos bebês em berçários de instituições privadas em Feira de Santana, a partir da perspectiva do professor?”. O objetivo geral é, a partir da perspectiva do professor, conhecer como acontece o período de adaptação de bebês na creche. Os objetivos específicos são: analisar a percepção dos professores sobre a fase de adaptação e identificar as práticas docentes realizadas para garantir a adaptação de bebês em creches.

O caminho da pesquisa

A pesquisa se deu em duas instituições privadas do município de Feira de Santana que atendem à Educação Infantil (creche e pré-escola). A escolha por essas instituições se deve ao fato de não se ter em Feira de Santana nenhuma creche pública que atenda ao perfil de faixa etária que esta pesquisa aborda, que é a turma de berçário.

Os sujeitos da pesquisa são duas professoras da turma de berçário, que foram convidadas a participar da pesquisa de forma voluntária, mediante concordância e assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido. Elas terão as suas identidades preservadas e serão caracterizadas na discussão como Professora A e Professora B. A Professora A tem 52 anos, concluiu sua formação em Licenciatura em Pedagogia há seis anos e atua na instituição há cinco. Já a Professora B tem 39 anos, é formada também em Licenciatura em Pedagogia e atua no berçário há seis anos.

A apreensão dos dados se deu mediante o uso de entrevista semiestruturada. De acordo com a perspectiva de Lüdke e André (1986), a entrevista, quando não é totalmente estruturada, possui caráter de interação, e o sujeito da pesquisa discorre sobre a temática proposta de forma notável e autêntica. Na entrevista, o pesquisador tem a possibilidade de apreender informações desejadas com base em um guia/roteiro que esteja devidamente fundamentado pelo referencial teórico da pesquisa. As entrevistas foram utilizadas com o objetivo de captar as percepções das professoras sobre questões fundamentais desta pesquisa que foram divididas em sete categorias: o que os professores compreendem sobre adaptação; as estratégias pedagógicas voltadas para realizar esse processo; como as professoras organizam o período de adaptação; o tempo que geralmente dura a adaptação; os fatores que prejudicam o processo; as reações que os bebês costumam apresentar; os fatores que interferem positivamente.

Articulação entre teoria e empiria: os resultados analisados

A inserção de bebês em creches, mais especificamente em turmas de berçário, tem se tornado um fenômeno mais frequente. Neste primeiro momento, as crianças passam por muitas mudanças de ordem física (mudança do espaço da casa para o da escola), social (estabelecimento de vínculos afetivos com pessoas que eram desconhecidas) e de desenvolvimento.

A ida para a creche, para os bebês, significa a possibilidade de ampliação de contato com o mundo; para os professores, esse é o momento de selecionar, refletir e organizar a vida na escola e o exercício da docência. Por meio de suas práticas pedagógicas, eles revelam como compreendem o patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico com o qual lidam (BARBOSA, 2010).

Esse primeiro momento de inserção na creche é denominado adaptação. Sobre isso, Piaget (1978) supõe que o bebê realiza o processo adaptativo básico de tentar compreender o mundo que o cerca. Ele assimila as informações que lhe chegam, adicionando-as ao repertório de esquemas sensório-motores com que nasceu, como olhar, escutar, sugar, agarrar, e acomoda esses esquemas conforme suas experiências. Segundo Piaget (1978), este é o ponto de partida de todo o processo de desenvolvimento cognitivo.

As professoras entrevistadas expressaram o que compreendem sobre a adaptação. A Professora A respondeu que esse “é um período de transição da criança entre a casa e a escola/creche”, e a Professora B demarcou que esse “é um processo que não é fácil, precisa de muita calma e paciência”. Fica evidente, a partir das falas das docentes, que a adaptação é um marco inicial na vida social do bebê, que necessita um olhar atento e sensível do professor.

Rapoport e Piccinini (2001, p. 85) destacam que não existe um consenso sobre a definição do termo “adaptação”, nem quanto à sua duração:

Para alguns autores a adaptação teria início nos contatos iniciais dos pais com a creche, pois as primeiras impressões influenciam a forma como estes vão se relacionar com o novo ambiente, enquanto para outros, envolveria desde o momento de ingresso da criança na creche

até o final do primeiro mês, ou ainda, entre três e seis meses após o ingresso.

O professor assume um importante papel nessa transição na vida do bebê, pois o ato de cuidar exige uma ligação afetiva entre o professor e a criança. Para dar conta das necessidades básicas da criança, o adulto precisa estar atento a ela, o que envolve uma gama de fatores: afetividade e sensibilidade, conhecer a criança na sua individualidade, dentre outros.

O bebê, ao entrar em contato com um mundo social mais amplo, passa a experimentar atrativos que o estimulam e, naturalmente, responde a esses estímulos por meio do seu corpo, provocando no outro um retorno. Aos poucos, a vida afetiva do bebê vai se organizando a partir do contato com o outro (inicialmente a mãe), e disso decorre certa dependência. Segundo Wallon (1971 *apud* TASSONI; LEITE, 2010), “a emoção é o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos. É fundamental observar o gesto, a mímica, o olhar, a expressão facial, pois são constitutivos da atividade emocional”.

Ainda de acordo com Wallon (1975), a afetividade nasce antes da inteligência. A criança, ao nascer, estabelece relações afetivas com os adultos com quem mantém contato direto. Esta é uma forma de aprendizagem e uma maneira de a criança conhecer, descobrir, o mundo físico e de, mais adiante, com a maturação, conseguir interagir com esse mundo de maneira natural.

Ambas as professoras demonstraram estratégias pedagógicas voltadas para a realização desse processo, sendo que a Professora A deixou evidente a importância da exploração do ambiente, enquanto a Professora B enfatizou a realização de atividades para envolver o bebê.

[...] não quer dizer, porque eles são pequenos, que nós não planejamos. A gente realiza atividades de acordo com cada criança e a sua adaptação, para que elas fiquem mais à vontade nesse espaço, até eles se adaptarem (Professora A).

Eu gosto muito de brincar com eles. Quando eu vejo que eles estão chorando muito, eu prefiro sair um pouco da sala. Mas se eu vejo que estão tranquilos, eu trabalho com instrumentos musicais, que chamam a atenção deles. Ligo o som, trabalho com o movimento do corpo, pois isso chama muito a atenção deles. Gosto também de trabalhar com fantoches (Professora B).

Além dessas práticas, seja a exploração dos ambientes ou a realização de atividades pedagógicas, é importante evidenciar a importância da afetividade, sem ignorar a necessidade de uma formação adequada, visto que a experiência educativa é permeada por sentimentos como alegria, emoções, expectativas, bem como por possíveis mudanças pessoais e interpessoais. Sendo assim, o ato de educar vai além de passar conteúdos: é a oportunidade de abrir caminhos por intermédio das relações e do encontro com o outro.

Sobre essas relações, Barbosa (2010, p.2) destaca que:

[...] são para as crianças pequenas fontes fundamentais para a sua existência tanto física como mental. É impossível para um bebê sobreviver sem o afeto, o gesto, o olhar de um adulto disponível para cuidá-lo. Afinal a nossa condição humana surge no modo como nos relacionamos uns com os outros e com o mundo. Ao entrarmos em contato com outros seres humanos, passamos de um modo de viver fundamentalmente biológico, para o acolhimento em uma cultura, traduzida em uma língua, em gestos, toques. As relações estabelecidas através dos diálogos – corporais e orais – fazem parte do processo que nos torna seres humanos ou sujeitos com vontade, com capacidade de raciocínio e imaginação.

Fica claro, então, que o professor e o seu fazer assumem um papel considerável na adaptação dos bebês: “ao conhecê-los, reconhecem suas necessidades e interesses, e então, partindo do conhecimento fundamental dos seus direitos e das orientações curriculares para a educação infantil, podem planejar as experiências a serem propostas” (COUTINHO, 2012, p. 255).

Os vínculos afetivos estabelecidos na relação professor/aluno são extremamente relevantes para que o bebê possa se sentir seguro, e é por meio dessa troca com o outro que sua identidade vai se constituindo. Isto fica evidente quando as professoras expressam como organizam o momento de adaptação. Em ambas as instituições, os pais, ou alguma outra referência da criança, são convidados a permanecer no espaço durante esse momento inicial, a fim de garantir que a criança se sinta mais segura.

Quando eles chegam aqui, os pais ou a babá ficam nos primeiros dias nos espaços, esperando que a criança vá se adaptando, até eles conseguirem. Quando isso acontece, eu vou pedindo aos pais para irem se afastando. Não é fácil, para determinadas crianças é um pouco difícil essa ruptura entre a família e a escola. No máximo uma semana ou até menos que isso a gente já consegue. Isso é muito relativo, a

gente não pode determinar um prazo que essa criança vai se adaptar. Existem crianças que chegam e que quando o pai vai embora já dão “tchau”, outras não, é muito difícil essa separação. Depende muito da criança, do convívio familiar (Professora A).

Inicialmente a gente faz o horário diferenciado, cada dia vai aumentando um pouquinho a permanência deles aqui. E aí nesse momento eu gosto de me aproximar da família, perguntar os gostos das crianças, as preferências. Minha preocupação não é só as crianças, mas os pais também. Eu sempre tento conversar, perguntar se estão gostando, ter aquele cuidado com eles, pois eu sei que não é fácil para eles (Professora B).

A partir do relato dessas práticas, é perceptível que existe uma preocupação e sensibilidade com a inserção da criança em um espaço desconhecido, repleto de pessoas estranhas, com uma rotina distinta daquela vivida por ela no cotidiano familiar. A presença da família nesses momentos iniciais é fundamental para que a criança possa se sentir segura a explorar os espaços, manipular os materiais dispostos no berçário, interagir com os educadores e com as outras crianças. Por isso, a estratégia de garantir a presença das famílias nas primeiras semanas de aula é algo importante para a adaptação dos bebês no espaço escolar.

Para além disso, Bove (2002, p. 136) aborda a importância do acolhimento para com os pais nessa fase de transição, a adaptação, além da importância do estabelecimento desses vínculos que podem beneficiar o bebê:

O principal indicador de acolhimento que os pais podem receber é o fato de serem convidados a passar o maior tempo possível na creche. À medida que os pais e o professor vão familiarizando-se entre si, também vão criando vínculos, e a criança se beneficiará desses vínculos cada vez mais estreitos entre professores e pais.

As duas professoras participantes afirmaram compreender a necessidade de que o processo de adaptação ocorra de forma gradual, de modo a promover o conhecimento e a confiança mútua, favorecendo, assim, a integração e o estabelecimento de vínculos afetivos entre os bebês e as professoras. Em relação ao tempo que geralmente dura a adaptação do bebê, as professoras divergiram em suas respostas. A Professora A informou que com quinze dias, no máximo, ela já observa tranquilidade no bebê, enquanto a Professora B ressaltou que geralmente esse processo demora um pouco mais: “Para estar bem adaptado, geralmente é um mês, para ficar bem à vontade,

tranquilo, chegar na escola e já se despedir do pai. Em três semanas eu observo que alguns ainda estão mais sensíveis”.

Quanto aos fatores que prejudicam a adaptação do bebê, foi unânime a resposta das docentes: a família. A Professora B também associou outros fatores que podem comprometer ou retardar a adaptação dos bebês, como o retorno dos finais de semana e o adoecimento.

Depende muito da família e como ela lida com esse processo. Tem famílias que ficam mais à vontade durante a adaptação, mais tranquilos. Isso é bem relativo. Às vezes por cuidar muito, por deixar a criança muito acolhida. O sentimento de insegurança da família passa para a criança (Professora A).

Nesse momento depende muito da família. Quando a família é mais receptiva e segura, isso interfere. Se a criança está bem no berçário, eu já vou pedindo para eles aguardarem um pouco lá fora. Mas se eu sinto que a família está insegura, eu prefiro que fique dentro da sala. Eu observo também que no retorno dos finais de semana e quando eles ficam doentes prejudica muito, pois retornam mais chorosos e sensíveis (Professora B).

Vale dizer que a adaptação, como afirmam Rapoport e Piccinini (2001), muitas vezes não é difícil só para a criança, mas também para a família, pois implica mudanças para todos os envolvidos, seja na rotina familiar, seja nas relações afetivas. Além disso, a forma como esse processo é vivido pelos envolvidos influencia as reações da criança e é influenciada por elas.

Ao serem questionadas sobre as reações que os bebês costumam apresentar nesse momento, a mais pontuada pelas docentes foi o choro, embora a Professora A tenha sinalizado também outros aspectos observados, como a irritação e a rejeição alimentar, sendo esta última, segundo ela, menos recorrente. Sobre isso, Rizzo (2006, p. 161) afirma que o período de adaptação “é sempre uma experiência dolorosa para a criança”, podendo ser “mais ou menos longo e durar até mesmo poucas horas, mas sempre existe”.

Por fim, os sujeitos da pesquisa foram questionados sobre os fatores que interferem positivamente na adaptação do bebê. A Professora A acredita que a atenção, o carinho, o acolhimento e a parceria entre escola e família são elementos essenciais

para garantir a adaptação do bebê. Já a Professora B acredita que a postura da família é o elemento mais importante para efetivar a adaptação.

Uma pesquisa realizada com mães no processo de adaptação de bebês por Bossi, Brites e Piccinini (2017) revelou que

a complexidade do período de adaptação [...] envolve aspectos do desenvolvimento do bebê, da relação mãe-bebê e da dinâmica da própria creche, em particular da relação educadora-bebê. É plausível pensar que a creche exerce grande impacto frente aos aspectos facilitadores ou não deste período, no sentido de poder potencializar aqueles e amenizar estes, o que contribui para uma adaptação mais satisfatória para o bebê e a família (e as educadoras) (BOSSI; BRITES; PICCININI, 2017, p. 453).

Rapoport e Piccinini (2001) enfatizam ainda que, independentemente da idade de ingresso da criança, a qualidade do atendimento é fundamental, constituindo um fator crucial para a adaptação. Portanto, a postura do professor, seu acolhimento para com os bebês e suas famílias, seu planejamento e sensibilidade, interferem positivamente no decorrer deste processo.

Considerações finais

Diante da presente pesquisa, fica patente a importância da presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua importância nos processos de desenvolvimento global da criança. Considerando a análise da pesquisa, é notório que o momento de adaptação é difícil para os bebês e para as famílias. Os bebês, em especial, passam a conviver com pessoas estranhas em um ambiente totalmente diferente do que estavam acostumados. No entanto, o envolvimento dos professores e da família é imprescindível, pois participar do processo de adaptação é estar implicado nele.

As professoras participantes da pesquisa consideram que é preciso um olhar cuidadoso e atento para esse momento tão particular, pois esse tipo de ação é necessário para a consolidação de vínculos afetivos e de vivência. Elas entendem que a adaptação é um período de aprendizagem em que família, escola e criança aprendem sobre convivência, respeito, segurança, ritmos e exploração de novos ambientes.

A adaptação de bebês acontece com mais facilidade quando há práticas pedagógicas planejadas, que respeitam o ritmo e a necessidade de cada sujeito. Nessa faixa etária, o planejamento deve ser flexível e deve valorizar propostas de exploração dos ambientes, o manejo de diferentes materiais e atividades lúdicas. A flexibilidade do horário nos primeiros dias e a presença da família, como figuras de apoio e referência para a criança, assumem papel de destaque no processo de adaptação.

Apesar da relevância da creche enquanto espaço de socialização e desenvolvimento, da importância do acesso a esses espaços e dos dispositivos legais e acadêmicos que justifiquem sua implantação, o município de Feira de Santana ainda não dispõe de instituições públicas que atendam esse público de bebês. O prejuízo pode atingir não só as crianças que são privadas do acesso a um espaço de educação, baseado no direito de educar e cuidar, como também os familiares e cuidadores, que terão dificuldades para assumir seus trabalhos diariamente.

Por fim, vale notar o que Barbosa (2010) destaca: cabe ao professor planejar, observar e registrar as atividades realizadas e acompanhar como as crianças investigam o mundo, suas curiosidades, assombros, risos. Trabalhar com bebês exige uma sólida formação nas múltiplas linguagens das crianças pequenas, as quais se misturam. Educar os bebês é uma tarefa que só pode ser feita partindo-se de uma perspectiva de mundo em que o conhecimento não é disciplinar.

Referências

BARBOSA, Carmem Silveira. **Prática pedagógica no berçário**. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

BOSSI, Tatiele Jacques; BRITES, Sílvia de Andrade Neves Dias; PICCININI, Cesar Augusto. Adaptação de bebês à creche: aspectos que facilitam ou não esse período. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 27, p. 448-456, 2017. Supl. 1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2017000400448&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 9 dez. 2018.

BOVE, Chiara. Inserimento: uma estratégia para delicadamente iniciar relacionamentos e comunicações. In: GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn *et al* (org.). **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Tradução Daniel Ángel Etcheverry Burguño. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 134-149.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, n. 248, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRESSANI, Maria Cristina L.; BOSA, Cleonice A.; LOPES, Rita Sobreira. A responsividade educadora-bebê em um berçário: um estudo exploratório. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 21-36, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822007000300004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 5 ago. 2018.

CONSIGLIO, Iraê Liliana da Silva; MOREIRA, Adriana Martins. **Creches enquanto espaço de aprendizagem**: desafios, limites e possibilidades do trabalho com cantos no desenvolvimento de crianças no berçário. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 6., 2012, São Cristóvão. **Anais [...]**. São Cristóvão: UFS, 2012.

COUTINHO, Ângela Maria. O corpo dos bebês como lugar do verbo. In: ARROYO, Miguel G.; SILVA, Maurício Roberto da (org.). **Corpo infância**: exercícios tensos de ser criança: por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

DE VITTA, Fabiana C. F. ; EMMEL, Maria Luisa. A dualidade cuidado x educação no cotidiano do berçário. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 177-189, 2004.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. Tradução de Álvaro Cabral e Christiano Monteiro Oiticica. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O ingresso e a adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 81-95, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722001000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 7 out. 2018.

RIZZO, Gilda. **Creche**: organização, montagem e funcionamento. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. A necessária associação entre educar e cuidar. **Pátio Educação Infantil**, Porto Alegre, v. 1, p. 10-12, 2002.

TASSONI, Elvira Cristina Martins; LEITE, Sérgio Antônio da Silva. A relação afeto, cognição e práticas pedagógicas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33, 2010, Caxambu. **Anais [...]**, v. 33, 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encounter/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT20-6865--Int.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Estampa, 1975.

**ADAPTATION OF BABIES TO THE NURSERY:
AN ANALYSIS ABOUT THE TEACHERS' PERSPECTIVE**

ABSTRACT

The nursery is an important space for the development of the child in all its dimensions. This research aims to analyze the teachers' perception about the phase of adaptation undergone by babies in nurseries and to identify the teaching practices used to deal with that adaptation. The subjects of this study, two teachers from different private institutions in the municipality of Feira de Santana, participated in a semi-structured interview. They said that babies' adaptation is easier when there are planned pedagogical practices that respect each one's own rhythm and needs. The plan should be flexible and should value exploration of the environment, playing with different materials and recreational activities. A flexible schedule in the first days and the presence of the family are very important to the baby's adaptation process.

Keywords: Nursery; Teaching Practice; Adaptation.

Envio: março/2019
Aceito para publicação: julho/2019